

CANDOMBLÉ – MINHA FÉ TEM HISTÓRIA

Wellington Ricardo Felix dos Santos

Mestrando em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas – PROCADI - Universidade de Pernambuco – UPE / Campus Garanhuns – PE. Participante do Projeto Nagô, pelo Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. (2020/2021).

Quando pensamos o mundo, o notamos rico de significados, sentidos, culturas, sagrados, mas que ao mesmo tempo se apresenta como individualista, hegemonicamente intolerante em meio a fundamentalismos. Nesse cenário, as Religiões com Matrizes Africanas têm resistido, na manutenção de tradições e se resignificando quando necessário. Como posso apresentar minha fé, sem apresentar meus ancestrais?

Dos processos históricos vividos no Brasil, aos séculos da colonização, a vinda dos nossos antepassados e a chegada compulsória dos escravizados de África está marcada pela história. Eles trouxeram consigo a cultura, seus hábitos e sagrados, sendo esses incorporados à cultural do Brasil, através de um processo de negociação cultural, poucas vezes voluntário, e quase sempre muito violento, o que por conseguinte constituiu-se em uma “afro-brasilidade”.

Nesse fenômeno histórico, as Religiões Afro-brasileiras de Matriz Africana, ou simplesmente de Terreiro, foram se inserindo na construção cultural do Brasil. De tamanha complexidade a religião tem uma ligação e dependência com *Onilé* - Orixá que representa toda a vida, a terra-mãe, ou seja, a força da vida para a realização dos preceitos religiosos, fundamentos e segredos. É uma religião regida pelos *Orixás* (*Ori* = cabeça, *Xá* = guardião, protetor) que governam o mundo representando os elementos primordiais da natureza: água, terra, fogo e ar, bem como com seus antepassados místicos.

Nessa compreensão destacamos o Candomblé, uma religião que em seu processo de construção, resistência e resignificação abraça as africanas que acompanharam seu povo, seu deslocamento na diáspora da escravidão e, apoia-se nos

sagrados do povo da nova terra que chegam. Desse modo, acabam ressignificando sua relação com a magia e com o divino, a sabedoria do *Ifá*, de *Orumilá*.

Vários autores como Lody (2006), Verge (2002) e Prand (2001) afirmam que o Candomblé surgiu na Bahia em meados do século XIX, enquanto outros como Motta (2006) que a religião estaria presente em outros estados brasileiros e entendidos por outras nomenclaturas, como o Xangô Pernambucano. O candomblé é uma das Religiões de Matriz Africana mais difundidas no Brasil. A palavra Candomblé é resultado da junção de *kimbundu* (*kandombe*) que significa dança com atabaques e o termo *lorubá* (*Ilê*) que significa casa, ou seja, casa de dança com atabaques.

Com os negros escravizados de diferentes regiões e etnias, a religião evoluiu para diversas tradições, são as chamada nações do Candomblé, que se distinguem entre si, principalmente, pelas divindades veneradas, os atabaques, as *zuelas* (cânticos), rezas, vestimentas, e a língua litúrgica usadas nos rituais.

São pelo menos cinco nações do Candomblé, sendo que as mais conhecidas são: o Ketu (tradição lorubá – Nagô), o Candomblé Jeje (tradição – fon jeje), o Bantu (tradição – Bacongo/Bundo Angola), o Candomblé de Caboclo (cultua tanto entidades africanas quanto indígenas – os caboclos), e Efan (tradição lorubá – Nagô).

No Candomblé, assim como nas Religiões Africanas ancestrais, acredita-se em um deus supremo, criador do mundo, chamado *Olorum*, na tradição Nagô, *Mawu*, na tradição Jeje, *Nzambi*, na Angola. *Olorum* deixou a criação entregue às forças da natureza, os chamados *Orixás* na tradição Nagô, *Voduns* na tradição Jeje, e *Minkisi* na tradição angolana.

No Brasil, algumas dessas entidades, são bem conhecidos e incorporadas ao conhecimento popular. Isso pode ser percebido ao pular sete ondas para *Iemanjá*, olhar para a imagem de São Jorge e enxergar *Ogum*, usar a fitinha do Senhor do Bonfim saudando a sabedoria de *Oxalá*, receber e se deliciar com as balinhas de Cosme e Damião, e dessa forma, alegrar os *Ibejis*, ou seja, somos cheios de *Axé*, e não estamos falando apenas do ritmo.

Nossos sacerdotes – *Babalorixás* – ou as sacerdotisas – *Yalorixás* – dirigem os terreiros, que podem ser barracões, casas, sítios, beira da praia, enfim nosso *Ilé*.

Nosso sagrado, hoje até se escreve, mas sempre foi fruto da oralidade, se aprende quando se escuta, as (os) *Ebomi* – os mais velhos, não apenas em idade – que dão a lição, do *ebori*. A iniciação, ou fazer a cabeça é a etapa final da consagração.

Nesse processo muito se precisa aprender, inclusive, que as oferendas são sagradas, e mesmo o *balé* – sacralização de animais (tem quem chame de sacrifício) não é uma mera matança, mas o significado sagrado do que se propõe. Porém, digo que o ritual tem sido extinto em vários *Ilés*, e algumas nações.

A minha fé vive ao ser constituída numa grande família que não é necessariamente pelos laços consanguíneos, e sim pelos laços sagrados que ligam o homem ao *Orixá*. A Religião de Matriz Africana, no caso o Candomblé, está ligada ao respeito e dependência com a natureza, trazendo consigo a força da vida, o pilar da comunidade e todos os elementos para as realizações dos rituais religiosos.

Sou “Filho de Santo”, de uma grande família de Axé no Município de Garanhuns – PE.

Referências

LODY, Raul. **O povo do santo: Religião, história e cultura dos Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos**. 2ªed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

MOTTA, Roberto. **Religiões afro-recifenses: Ensaio de classificação**. In: CAROSO, C; BACELAR, J. (Orgs.). *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, antissincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 2006. p. 17-35.

PRANDI, Reginaldo. **O candomblé e o tempo**. Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.16, nº 47. 2001.

SILVA, Vagner. **Candomblé e Umbanda - caminhos da devoção brasileira**. 2. ed. São Paulo: Selo Negro - Grupo Summus, 2005.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. Salvador: Corrupio, 2002.